Arq. Fac. Hig. (São Paulo)
17(1): 23-26, julho 1963

DISCURSO DO ENGENHEIRO ARMANDO DE VIRGILIS, REPRESENTANTE DO IDORT

Há poucos dias, o presidente do Instituto de Organização Racional do Trabalho, dr. Octávio Pereira Lopes, por motivo de seu absoluto impedimento, distinguia-nos com a missão de aqui vir representá-lo, e ao IDORT, e de dizer algumas palavras nesta homenagem ao prof. Geraldo de Paula Souza, fundador, do Instituto e seu dedicado vice-presidente até a data de seu falecimento.

Foi com especial emoção que recebemos a incumbência.

Laços de trabalho ligaram-nos ao homenageado no SESI, no SENAI e mormente no IDORT, nos seus primeiros tempos, incertos e não compreendidos.

Ocorre, porém, mais fortemente, uma coincidência pessoal comovedora, que pedimos licença para revelar.

Ela nos transporta para quase 50 anos atrás, para um infausto dia de abril de 1917, quando, jovem aluno de engenharia, coube-nos proferir, em nome do Grêmio Politécnico, oração de despedida ao prof. Antonio Francisco de Paula Souza, o grande diretor da Escola Politécnica de São Paulo, cujo túmulo se descerrava no Cemitério da Consolação.

Colecionador de alfarrábios, conservámos o manuscrito daquele discurso compungido de moço e no Centenário do nascimento do proclamado "Apóstolo da Engenharia Brasileira", em 1943, pudemos oferecê-lo a seu filho. Geraldo recebeu-o comovido, dizendo que o guardaria entre suas relíquias.

Como não nos perturbarmos com essas recordações, ante o novo impacto de ter hoje de falar do amigo e contemporâneo desaparecido, descendente direto de nosso pranteado mestre e diretor?

Atônito e humilde, na surprêsa dos indecifráveis desígnios do Altíssimo, divisámos nessa coincidência o rumo para a tarefa que aqui nos traz.

Perpassam-nos de pronto, pela mente, outras coincidências maravilhosas e lógicas, entre a personalidade do pai e do filho.

Tiveram êles o mesmo berço natal: a legendária cidade de Itu, onde, pela benemerência se notabilizaram seus ancestrais, os barões de Piracicaba, linha dos Pais de Barros.

Pai e filho revelaram a mesma inclinação pelos estudos, no bom comportamento infantil; pela correção de atitudes na adolescência; pela avidez dos conhecimentos, quando moços, o que os levou ao Velho Mundo, à mesma Alemanha e à mesma Suiça, para sua formação intelectual.

Quando homens feitos, em seus espíritos se agitou a mesma preocupação de, pela Pátria, ou ao voltar a ela, desde logo participarem dos anseios de progresso, das campanhas cívicas, dos movimentos inspirados em ideais puros, pelo altruismo, pelo propósito de servir a humanidade.

Ao engenheiro que se destacou nos empreendimentos da construção civil, nas lutas do Abolicionismo, na dispensa do ordenado em favor do aparelhamento dos serviços públicos que dirigia, o filho médico e higienista se igualava mais tarde com as iniciativas pela saúde da população, com a participação no Movimento Constitucionalista, com o dar de si tudo o que podia, material e espiritualmente, para as realizações de seu grêmio rotariano e das entidades a que se filiava.

Aos 26 anos, já profissional laureado, Antônio de Paula Souza liberta seus escravos havidos por herança, e ruma para os Estados Unidos, quando sofre um naufrágio que o obriga a peregrinar pela América Central até Nova York. Vence mil dificuldades e logra aperfeiçoar-se alí no levantamento de estradas, especialização que aproveitaria mais tarde, na Companhia Ituana e em outras ferrovias e obras públicas em nosso Estado.

Igual atração, irresistível, havia de exercer o progresso da nação norte-americana sôbre Geraldo, pois aos 29 anos também para lá seguiu, desejoso de haurir os avançados processos da Universidade Johns Hopkins e dos laboratórios da Fundação Carnegie. Voltou doutor em Higiene e Saúde Pública, para professar na cátedra da Faculdade de Medicina de São Paulo e para traduzir em medidas de alcance social, na direção do Serviço de Saúde Pública do Estado, o seu aperfeiçoamento técnico naqueles centros médicos de fama.

Até a maturidade, pai e filho, ambos humanistas insatisfeitos, como abelhas a incrementar sua provisão de conhecimentos, repetidas vêzes perlustraram países estrangeiros, trazendo de regresso as conquistas mais recentes da ciência, nas respectivas profissões.

Também nesses misteres de relações fora das fronteiras nacionais, cada um dêles, no seu tempo, porfiou por engrandecer o nome do Brasil:

— O ministro Paula Souza, na pasta do Exterior, consegue, em 1893, com a colaboração de Rio Branco, a difícil solução da espinhosa pendência do Território das Missões;

— Geraldo, em 1928, em Genebra, na Liga das Nações, exibe estudos sôbre Higiene que dão realce à ciência brasileira e, em 1945 e 46, nas Conferências de São Francisco e de Nova York, propõe e obtem a criação da Organização Mundial da Saúde, para a qual a Assembléia o elegeu vice-presidente e onde atuou como delegado permanente de nosso país. Nessa ocasião, recebeu da França, pelo merecimento de seus trabalhos internacionais, as medalhas da "Ordem da Saúde Pública" e de "Legião de Honra".

É na idade provecta, quando um e outro, à distância de meio século, realizam a sua obra máxima, que mais surpreendentemente se identificam, grandiosos e inexcedíveis, os ideais das duas gerações.

Em 1894 Antonio Francisco de Paula Souza funda a Escola Politécnica de São Paulo, organizando-a exemplarmente. Institui-lhe o prestígio pela disciplina, pela seriedade dos programas, pela austeridade dos exames. Dirige-a com rara dedicação e, por longos anos, inspira e acompanha equipes de discípulos e continuadores, de profissionais que concebem e avolumam, gerações afora, projetos e realizações ingentes, por aí além, por São Paulo novo, pelo Brasil imenso e inexplorado, inóspito ou desassistido.

Igual feito memorável, com idêntica perfeição, é completado, em 1948, por Geraldo de Paula Souza, o idealizador dos cursos de higiene, que cria, instala e coordena esta Faculdade de Higiene e Saúde Pública, padrão e célula preciosa da cultura universitária do Brasil, também pioneira, com os seus médicos e assistentes sanitários, com seus educadores e nutricionistas, com seus centros de saúde, das novas práticas, das melhores técnicas concentradas sôbre o elemento "homem" nos campos do médico e do higienista, não mais distantes, entretanto, das metas de engenheiro, na mesma finalidade última de beneficiar a coletividade.

No progenitor e no herdeiro encontramos as mesmas vocações do educador, do mestre, do implantador de escolas, do desvendador do incogitado; da pertinácia e da paciência do cientista, do pesquisador, do apaixonado e desprendido que trabalha para o conhecimento puro, ou para a comunidade, quase que totalmente esquecido de si próprio, alheio às seduções da glória, do fastígio, do confôrto — que poderia promover para si com menor esfôrço — se êle não fosse, contraditória e predestinadamente, um grande extrovertido de generosidade recondita e imensurável.

Por fim, igualados pelo destino também foram, os dois Paula Souza, até no modo de encerrar as suas magníficas existências! Colheu-os a morte de maneira semelhante quando ao diuturno labor se aprestavam, para o cumprimento de seus deveres. Em pleno vigôr tombou o velho, coligindo notas da aula que ia dar no mesmo dia. E o moço, saudável e disposto, amanheceu para interromper para sempre os preparativos de viagem à OMS, à Genebra, onde por certo mais uma vez iria dignificar a ciência, a Pátria e a humanidade.

Poderemos dizer que, exceto no atendimento de algumas exigências sociais modernas, diferentes pela época, entre o viver do pai e do filho, sòmente no número de anos de idade não houve rigorosa coincidência. Proficuamente, ainda que muito se movimentando, vivendo as lides dos tempos menos intranquilos do passado, Antônio de Paula Souza chegou lúcido, eloqüente e vigoroso aos 74 anos de idade. O propugnador da higiene física e mental alcançou os 62 anos. Bem vividos. O seu portador sempre útil e prestimoso, esfusiante de simpatia e comunicabilidade, de bom humor contagiante e construtivo. Na

inquietação esfalfadora do século, do fracionamento do átomo, o poder de realização e de liderança de Geraldo Horácio foi exuberante, em amplitude e eficiência, e resultou condigno da capacidade paterna.

Relevem quantos aqui estão reunidos se, talvez pelo saudosismo vaidoso de relacionarmos nossas palavras de ancião às do estudante imberbe de 1917, enveredámos por êsse desataviado paralelo entre os dois expoentes da mesma nobre estirpe.

A Geraldo de Paula Souza deve o IDORT as glórias de sua fundação e duas décadas de primorosos serviços na vice-presidência constante de sucessivas administrações. Deve-lhe o brilho de vários Congressos Científicos de Organização e o sucesso de memoráveis campanhas, destacadamente as "Jornadas da Alimentação e Contra os Desperdícios". Deve-lhe, sobretudo, a fé, o entusiasmo e a segurança da obra certa, com que juntamente com outros beneméritos fundadores, Paula Souza cimentou os seus primeiros passos, para que a instituição sobrevivesse e se firmasse o conceito justo de seus altos objetivos.

Se lá do "assento etéreo" a que subiu for permitido conhecimento das coisas dêste mundo, Geraldo há de acolher com sua benevolência terrena, como forma de homenagem a mais sincera dos seus companheiros do IDORT, estas breves referências e a confrontação enaltecedora com seu ilustre progenitor.

À semelhança dêle, Geraldo foi figura invulgar que transitou gloriosamente entre nós, para gloriosamente ascender e se perpetuar no Universo imorredouro da posteridade.

A herma que se inaugura, na mesma hora do início dos cursos desta Faculdade, simbolizando a presença perene do fundador no seu templo, também consagra, para a eternidade, a singeleza magestosa da vida de Geraldo Horácio de Paula Souza.